



## Aspectos comunicacionais do povo Akwê: vida, cultura e pandemia

Carolina Luiza de Quadros<sup>1a</sup>, Maloiri Vele Xerente<sup>2b</sup> e Leticia Ventura<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Campus Reitor João David Ferreira Lima, Florianópolis – Santa Catarina – Brasil

<sup>2</sup> Universidade Federal do Tocantins – UFT, Campus de Palmas, Palmas – Tocantins – Brasil

<sup>3</sup> Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL

<sup>a</sup>carolinalluizaq@gmail.com

<sup>b</sup>maloirixerente2593@uft.edu.br

### Resumo

Os povos originários brasileiros enfrentaram e enfrentam muitas tensões no contexto da saúde devido ao contato com não indígenas. Entender e discutir os aspectos comunicacionais existentes, e como a pandemia de COVID-19 afetou e continua afetando as comunidades indígenas do povo Xerente, é o que pretendemos no presente ensaio. O povo Akwê está territorialmente situado nas margens do Kâmã (rio Tocantins) em Tocantínia (TO). A sua primeira língua, o Akwe, os mantém unidos a sua cultura e sabedoria ancestral. Entendemos que a pandemia de COVID-19 afetou e afeta de muitas formas o povo Akwê, e dentre tantos problemas reforçados e evidenciados nesse momento, a manutenção da ancestralidade e cultura, por meio da oralidade dos anciões, é certamente uma preocupação muito importante.

**Palavras-chave:** Akwê-Xerente, COVID-19, Ancião, Oralidade.

### Aspectos comunicacionais do povo Akwê, vida e cultura e pandemia

A narrativa que lamenta o quantitativo de mortes de pessoas indígenas no Brasil se evidencia neste momento de pandemia mundial do novo coronavírus (COVID-19). Presenciamos atualmente mais um massacre dessas pessoas, que historicamente foram quase dizimadas no convívio com os não indígenas. Eduardo Galeano, no livro “As veias abertas da América Latina” (1940), expõe a estimativa apresentada pelo antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro que aponta que, em virtude do primeiro contato com os europeus, mais da metade dos povos, nomeados por eles como indígenas e aborígenes, morreram (p. 23). Para Galeano, essas mortes ocorreram por “obra e graça das armas de fogo e dos micróbios” e ainda afirma que “o contato com o homem branco,

para o indígena, continua sendo o contato com a morte” (p. 50).

Os povos originários brasileiros enfrentaram e ainda enfrentam muitas tensões no contexto da saúde devido ao contato com não indígenas. Conforme mencionado, isso ocorre desde o século XVI, com o primeiro contato com os europeus, atravessando o século XX com epidemias de gripe e sarampo, e agora, em 2020, a pandemia de COVID-19.

É importante evidenciar que cada um dos momentos históricos mencionados (ou não) foram e são responsáveis por diferentes formas de impacto na vida desses povos, aspectos estes que ocorrem nos mais variados âmbitos, como o social, o econômico, o demográfico e/ou outros. Sendo assim, para a compreensão e enfrentamento das demandas da vida e saúde pública, é importante considerarmos sem-

pre as particularidades de cada etnia, território e contexto (Brito, 2020). Entendendo a importância das particularidades, achamos igualmente importante pontuar, em um contexto mais geral, que:

Para compreender a situação atual dos povos indígenas e quilombolas diante da pandemia [de COVID-19], é importante contextualizar o momento político brasileiro. O Brasil é presidido por um governo de extrema direita, eleito com uma bandeira neoliberal na economia e conservadora nos costumes, opondo-se a diversos setores da sociedade. Um discurso construído através da segurança da propriedade privada e da moral judaico-cristã. Ficam evidentes nas falas de seus membros os ataques às políticas e ao direito constituído dos povos tradicionais, como indígenas e quilombolas. Para esses povos a luta contra o coronavírus é intensificada, voltada para a defesa de seus territórios e a manutenção de seus direitos (Bernardes, Arruzzo e Monteiro, 2020, p. 196).

Diariamente os povos originários lutam pelos seus territórios, modos de vida e pelo direito de existência, enfrentando e tentando frear a invasão e devastação pelo garimpo, madeireiras e agronegócio. Além disso, com a pandemia, se tornaram duplamente vulneráveis, correndo sérios riscos de contaminação nas suas comunidades (Bernardes, Arruzzo e Monteiro, 2020, p. 196-197). Por isso, ao longo desses meses de pandemia, as comunidades se articulam e buscam estratégias de isolamento para se protegerem (Canton e Júnior, 2020, p. 109).

Segundo a plataforma “Covid-19 e os Povos Indígenas” criada pelo Comitê Nacional de Vida e Memória Indígena e pelas Organizações indígenas de base da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), os dados divulgados (em 30/09/2020) apresentaram o quantitativo de 34178 pessoas indígenas infectadas confirmadas, 832 mortas e 158 povos afetados (Comitê Nacional de Vida e Memória Indígena & Organizações indígenas de base da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil, 2020). É importante evidenciar que a taxa de letalidade entre pessoas indígenas é maior que a média geral do Brasil, sendo respectivamente de 6,8% e 5%. O mesmo acontece com e a taxa de infecção a cada mil habitantes, sendo 85% maior entre indígenas (Assessoria de Comunicação do Conselho Nacional de Saúde, 2020).

Desse modo, de forma introdutória e breve, expomos o cenário geral de como a pandemia impactou e continua impactando as vidas indígenas no Brasil. A partir disso, precisamos recortar nosso estudo. Entendendo isso, expomos que no presente ensaio pretendemos entender e discutir (sem querer esgotar) os aspectos comunicacionais existen-

tes nas comunidades indígenas Akwê. Nesse sentido, abordaremos sobre a importância desses aspectos para a vida e cultura dessas comunidades e como a pandemia de COVID-19 os afetou/afeta.

Primeiramente, antes de conhecermos o povo Akwê, é importante destacar que “Akwê” (palavra que significa gente importante) é como o povo se autodenomina, e por esse motivo utilizaremos esse vocábulo ao longo do presente ensaio. Já Xerente é como foram denominados (Melo e Giralдин, 2012, p. 178; Xerente e Xerente, 2017, p. 328).

O território do povo Akwê está situado nas margens do Kâmã (rio Tocantins), localizado no município de Tocantínia, que está cerca de 70 km da capital de Palmas (TO) (Araújo, 2016, p. 183; Melo e Giralдин, 2012, p. 178). Atualmente seus moradores estão distribuídos em 64 comunidades onde 07 localizam-se na Terra Indígena Funil e 57 na Terra Indígena Xerente. As duas Terras somam 183.245.902 hectares (Xerente e Xerente, 2017, p. 328).

As 64 comunidades Akwê se organizam na forma de núcleos familiares, onde crianças, jovens, adultos e anciãos compõem o povo que possui cerca de 3500 pessoas (dados de 2014) (Melo e Gonçalves, 2017, p. 196). Devido a essa forma de distribuição familiar os números de comunidades costumam variar bastante (Melo e Giralдин, 2012, p. 178).

Os Akwê são conhecidos como um povo de grandes guerreiros e corredores da floresta. Suprem suas necessidades alimentares a partir da caça e pesca, da coleta de frutos das roças de vazantes e de tocos. São um povo com várias tradições culturais, entre elas, a que mais se destaca, a festa do *Dasipsê*<sup>2</sup> onde, buscando a manutenção e fortalecimento da cultura, importantes atividades são realizadas. Atividades essas que variam desde a atribuição de nomes para as crianças da comunidade até as corridas masculinas e femininas com grandes toras de buriti e a reunião das quatro Associações de Clãs *Daksu: Krara, Amrôwa, Krêrêkmôe Akennhã* (Melo e Gonçalves, 2017, p. 197).

O povo Akwê possui uma cosmovisão referente às experiências e saberes que integram homem, animal e sobrenatural à totalidade da natureza, para compreender as ordens de coisas no mundo (Lima, 2017, p. 138). São conhecidos como o povo das duas metades e, desde seus antepassados, se organizam com base em uma divisão sociocosmológica ente *Doí* (Sol) e *Wahirê* (Lua). Ambas são patrilineares e exogâmicas, onde as crianças nascidas compõem a família do pai e o tio é considerado uma pessoa importante

<sup>2</sup>É possível conferir em detalhes como ocorre a importante festa Dasipsê no material audiovisual “Dasipe O Festar Xerente” publicado por Edvaldo Xerente em 10 de agosto de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LmZka0CZxuM&feature=youtu.be>.

## ASPECTOS COMUNICACIONAIS DO POVO AKWÊ: VIDA, CULTURA E PANDEMIA

(Lima, 2017, p. 138; Melo e Giralдин, 2012, p. 178; Melo e Gonçalves, 2017, p. 197).

Além disso, a dualidade existente na cultura Akwe~ se evidencia e se expressa de variadas formas durante as manifestações de saberes e fazeres tradicionais. Assim, o povo enxerga um mundo recíproco vivido e organizado em pares como o homem e a mulher, o sol e a lua, a terra e o céu, a água e o fogo. Outro indício dessa dualidade é a sua forma de contagem onde contam em pares (unindo dois dedos) (Melo e Gonçalves, 2017, p. 202-203).

Ainda segundo Melo e Gonçalves (2017, p. 202), é importante evidenciar que toda a dinâmica cultural do povo Akwe~ é composta por diferentes ecologias de saberes, sendo a oralidade e a realização e vivência de suas atividades socioculturais, dinâmicas extremamente importantes no compartilhamento e manutenção dos conhecimentos ancestrais. Muitos de seus rituais, praticados historicamente, são transmitidos de geração para geração por meio da linguagem originária, da simbologia e do visual, onde se aprende observando e ouvindo. E assim, os Akwe~ conservam e praticam os saberes tradicionais e suas relações de pertencimento, preservando a característica das metades exogâmicas patrilineares de *Doi* e *Wahirê*.

Em relação à língua, o povo Akwe~ possui a língua falada Akwe, que pertence ao troco linguístico Macro-Jê e, em conjunto com os Xavantes (de Mato Grosso) e os Xacriabás (de Minas Gerais), compõem a família linguística Jê Central (Lima, 2017, p. 138; Melo e Giralдин, 2012, p. 178; Melo e Gonçalves, 2017, p. 197). Os Akwe~ sempre buscaram preservar a sua língua e cultura. As pessoas mais velhas relembram e narram as vivências de momentos difíceis que enfrentaram, como as lutas pelas demarcações e conquista de suas terras. Lembram como tudo foi duramente conquistado, mas que ainda seguem incansavelmente lutando por seus direitos. Apesar de ter sofrido modificações, é a língua a principal herança que mantém o povo Akwe~ unido a sua cultura e sabedoria ancestral, sendo ensinada oralmente aos mais jovens (Xerente e Andrade, 2017, p. 269).

Desde cedo, nós Akwe~ aprendemos a valorizar os ensinamentos repassados pelos anciãos através do discurso. Eles nos ensinam também que o respeito é o pilar fundamental para a organização do povo Akwê. Assim, os Pëikwa (Conselheiros da paz) são responsáveis por manter esse respeito dentro da nossa comunidade. Segundo Warô Xerente, “a função deles é ensinar e dar conselhos que possam ser utilizados em meio a conflitos, contribuindo para que todos na aldeia vivam em harmonia.” Quando eles discursam, todos precisam prestar muita atenção, pois o que falam é sempre muito importante para a nossa convivência em comunidade. Todos os ensinamentos passados por eles são através de nossa língua materna, promovendo, assim, a valorização dos conhecimen-

tos tradicionais, da cultura, da língua e da oralidade. Assim, através da preservação da nossa língua, podemos a cada dia fortalecer as expressões culturais do povo Xerente [Akwê], reconhecendo a sua importância para sustentabilidade cultural e garantindo aos mais jovens esse grande aprendizado (Xerente, 2018, p. 384).

É importante ainda evidenciar que, assim como exposto anteriormente por Xerente (2018, p. 384) e abordado agora por Araújo (2016, p. 143), a língua *Akwe* é responsável pelo fortalecimento da identidade cultural do povo Akwê, tendo, assim, um caráter político. Ela é considerada um sinal de poder e, mesmo na presença de não indígenas, a comunicação é permanentemente feita na primeira língua. Os Akwe~ consideram que ao não falar sua língua originária, é como se deixassem de pertencer ao seu povo.

O convívio em seus territórios, a realização dos eventos culturais e a língua *Akwe* são considerados peças importantes para a preservação e fortalecimento da vivência na cultura dos Akwe~ (Lima, 2017, p. 245). É importante destacar que, assim como expressaram alguns autores já mencionados, a difusão cultural Akwe~ ocorre tradicionalmente pela oralidade, ainda que os jovens tenham o acesso a outros meios que veiculam cultura, como meios de comunicação em massa (como televisão e rádio) (Araújo, 2016, p. 117).

Os anciãos são considerados guardiões e conservadores dos conhecimentos tradicionais e entendem que é preciso que os mais jovens valorizem a cultura que é muito importante para a manutenção da identidade do povo Akwe~ (Xerente, 2018, p. 415). Sendo assim, exercem um papel muito importante, pois são responsáveis pela perpetuação da história, política e cultura Akwê, por isso, os mais jovens retornam aos anciões para acessarem seus conhecimentos ancestrais. Eles também são responsáveis por discursar e dirigir, com as outras lideranças, as cerimônias durante as festas culturais (Lima, 2017, p. 143).

Para recorrer à história de seu povo, é bem comum que muitos acadêmicos indígenas busquem os mais velhos. Há essa grande preocupação das lideranças Akwê, e em especial dos anciãos, em manter viva a tradição cultural por contos e cânticos através da oralidade dos anciãos (Lima, 2017, p. 141). É importante evidenciar que essa preocupação não é recente entre os anciãos, ela ocorre desde os primeiros contatos com os não indígenas (há cerca de 250 anos) assim como no período em que se introduziu a língua portuguesa e processos de escolarização, “como uma das formas mais avassaladoras de dominação” (Lima, 2017, p. 138; Melo e Gonçalves, 2017, p. 200).

De acordo com o relato do ancião Raimundo Wãika-

nõse, historicamente, a população Akwê diminuiu, e ainda explica que “tinha muito Akwê nessa terra, com a chegada dos brancos, chegaram também muitas doenças e guerras que quase acabaram com nosso povo. É assim que os nossos velhos nos contaram” (Xerente e Xerente, 2017, p. 329).

Como forma de reação à inserção de conhecimentos, consequência desses contatos e da expansão do acesso à informação (seja via educação formal ou meios de comunicação, como internet, televisão, redes sociais e outros), e para preservação da cultura Akwê, os anciãos guardam na memória todos os saberes tradicionais (Melo e Gonçalves, 2017, p. 200).

Como mencionado, e ainda segundo Melo e Gonçalves (2017, p. 200):

Os Xerentes são detentores de vários repertórios de saberes tradicionais que, em parte, se constituem em práticas socio-culturais compartilhadas socialmente, transmitidas e produzidas entre as gerações desse povo, por meio das aprendizagens e experiências próprias, que vão da oralidade da linguagem ao silêncio do aprender, observando o saber fazer na prática dos diversos artefatos que compõem as formas de organizações sociais deste povo, tendo toda uma orientação do núcleo familiar. Entretanto, há muitos saberes próprios deste povo que estão deixando de ser ensinados às crianças e aos jovens, sendo, esses, apenas vividos em momentos especiais, como os que ocorrem na grande festa Xerente – *Dasipsê*, ou seja, como destaca o ancião Mmiro [“Diálogo estabelecido com o colaborador Miró, em julho de 2015, por ocasião de nossa estadia na aldeia Salto, período em que ocorreu a tradicional festa Xerente – *Dasipê*.”] “[...] muitos saberes e rituais, são praticados e demonstrados às novas gerações de Akwê como um raio que corta o céu de um lado ao outro, no inverno. Quem se interessa e quer aprender vai procurar um velho para lhe ensinar”.

Compreendendo o que foi abordado até aqui, entendemos um pouco de como ocorre a dinâmica comunicacional e como ela é importante na valorização da sabedoria do povo Akwê, que é baseada na oralidade exercida pelos anciões, sendo um aspecto extremamente importante para a manutenção da cultura e ancestralidade desse povo.

Além de todas as lutas e impasses histórico-sociais enfrentados pelo povo Akwê, em 2020 a pandemia de COVID-19 tem sido um fator de silenciamento dos ensinamentos dos anciões. A morte de pessoas, guardiãs da sabedoria e das tradições, recebidas das gerações a precedentes, e transmitidas oralmente para as gerações seguintes, vai além da enorme dor de todas as pessoas aparentadas, é uma dor para toda a humanidade que perde uma parte de uma sabedoria ancestral originária construída, parte tão importante na transformação de todos os povos do mundo (Rocha, 2020).

É importante ressaltar que os anciões se enquadram

nos chamados “grupos de risco” da COVID-19 por serem pessoas idosas e apresentam, portanto, uma taxa de letalidade maior do que a da população em geral (Bezerra, Lima e Dantas, 2020).

Ao mesmo tempo, é com tristeza e pesar que relembramos do falecimento por COVID-19, em 13 de julho de 2020, do importante ancião Akwê João Sôzê (de 83 anos) considerado e lembrado como “um grande contador de histórias, sorridente e sempre bem humorado (*sic*)” (Rocha, 2020). Como guardiões, os anciões detêm conhecimentos específicos sobre seus próprios clãs, quando um deles morre, ocorre a perda de uma “biblioteca viva”, como explicam os Akwê (Araújo, 2016, p. 30 e 115-116.).

Por esse e por muitos outros motivos que, ao longo desses meses de pandemia, as populações indígenas têm se articulado e traçado estratégias para o isolamento de suas comunidades (Canton e Júnior, 2020, p. 109). Uma das estratégias pensadas pelos diferentes povos, em vários estados, é a criação de *lives*, cartilhas e *podcasts*, em línguas locais para comunicação entre os povos e transmissão de informações sobre os perigos e como se prevenir contra o vírus. Segundo Edvaldo Xerente, essas ações são “uma troca de experiência, mesmo distante, mas a gente tá acompanhando como cada um está se comportando, está se manifestando para evitar, para diminuir” (TV Globo, 2020).

Por fim, conforme abordado, a pandemia de COVID-19 certamente afetou e continua afetando de muitas formas o povo Akwê, tanto socialmente como culturalmente. Dentre tantos impasses reforçados e evidenciados nesse momento de pandemia, a manutenção da ancestralidade e cultura, por meio da oralidade dos anciões, é certamente uma preocupação muito importante para o povo Akwê e todo e qualquer outro brasileiro (Lima, 2013, p. 81). É importante estarmos atentos e nos aliarmos às lutas indígenas, pois toda ancestralidade, língua, sabedoria e cultura perpetuada pela oralidade e ação dos anciões Akwê e de muitos outros, considerados bibliotecas vivas, correm, mais uma vez, o risco de serem apagadas, apesar de esforços contrários.

Assim, finalizamos reforçando que, apesar de tudo que está acontecendo devemos seguir lutando e nunca perdermos de vista que:

Assim, são os Xerente, um povo destemido e guerreiro, que tem aprendido a cada dia a lutar pelos seus direitos em diferentes espaços sociais, de modo a garantir e preservar seu território, seus saberes tradicionais, fazendo valer a autoafirmação étnica e a valorização da cultura indígena. Um povo que sempre marcou presença em momentos diversos da sua própria história, como em diferentes frentes e organizações políticas e indigenistas (Melo e Gonçalves, 2017, p. 199).

## Referências

- Araújo, R. N. (2016). *Os territórios, os modos de vida e as cosmologias dos indígenas Akwê-Xerente, e os impactos da UHE de Lajeado*. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Ceará, 01-212. [http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/21514/1/2016\\_tese\\_rnaraujo.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/21514/1/2016_tese_rnaraujo.pdf)
- Assessoria de Comunicação do Conselho Nacional de Saúde. (2020, 09 03). *Divergência de dados sobre Covid-19 na população indígena dificulta medidas efetivas de proteção*. Conselho Nacional de Saúde - Ministério da Saúde. Retrieved 09 30, 2020, from <http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1357-divergencia-de-dados-sobre-covid-19-na-populacao-indigena-dificulta-medidas-efetivas-de-protecao>
- Bernardes, J. A., Arruzzo, R. C., & Monteiro, D. M. L. V. (2020, 05 01). Geografia e covid-19: neoliberalismo, vulnerabilidades e luta pela vida. *São Gonçalo (RJ): Rev. Tamoios*, 16(1), 188-205. Retrieved 09 17, 2020, from <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/50645/33481>
- Bezerra, P. C. d. L., Lima, L. C. R., & Dantas, S. C. (2020). Pandemia da covid-19 e idosos como população de risco: aspectos para educação em saúde. *Cogitare enferm*, 25. <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v25i0.73307>
- Brito, C. A. G. (2020, 04 24). *A história da saúde indígena no Brasil e os desafios da pandemia de Covid-19*. Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz. Retrieved 09 17, 2020, from <http://coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1779-a-historia-da-saude-indigena-no-brasil-e-os-desafios-da-pandemia-de-covid-19.html#.X4cPatBKjIU>
- Canton, A. A., & Júnior, A. N. B. (2020). Grafismo epidérmico indígena: o corpo como veículo de comunicação em tempos de pandemia. In M. R. C. Pimentel & ;. M. M. C. B. Pimentel (Eds.), *Anais da II SECOM – Semana de Comunicação: Comunicação em Tempos de Pandemia* (pp. 107-112). Salvador: Universidade Católica do Salvador.
- Comitê Nacional de Vida e Memória Indígena & Organizações indígenas de base da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil. (2020). *Plataforma de monitoramento da situação indígena na pandemia do novo coronavírus (Covid-19) no Brasil*. COVID-19 e os Povos Indígenas. Retrieved 09 30, 2020, from <https://covid19.socioambiental.org/>
- Galeano, E. (1940). *As veias abertas da América Latina* (S. Faraco, Trans.). Porto Alegre, RS: L&PM.
- Lima, L. B. (2013). O PROCESSO DE CONQUISTA DO TERRITÓRIO DOS AKWĒ-XERENTENOESTADODO TOCANTINS. *AGRÁRIA (SÃO PAULO. ONLINE) - Dossiê Questão Indígena*, (19), 61-85. <https://doi.org/10.11606/issn.1808-1150.v0i19p61-85>
- Lima, L. G. B. (2017). Os Akwê-Xerente no Tocantins: território indígena e as questões socioambientais. *Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo*, 1-320. Retrieved 10 03, 2020, from [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-11042017-082645/publico/2017\\_LayannaGiordanaBernardoLima\\_VCorr.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-11042017-082645/publico/2017_LayannaGiordanaBernardoLima_VCorr.pdf)
- Melo, E. A. P., & Gonçalves, T. O. (2017). PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS XERENTE EM COMUNIDADES DE PRÁTICA. *Santarém (PA): Revista Exitus*, 7(2), 191-215. Retrieved 09 30, 2020, from <http://ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/311/259>
- Melo, V. M. C., & Giralдин, O. (2012). *Os Akwê-Xerente e a busca pela domesticação da escola* (22nd ed.). Campo Grande, MS: Tellus. <https://tellus.ucdb.br/tellus/article/view/279/296>
- Rocha, M. (2020, 07 20). *Sabedoria indígena mais uma vez ameaçada por um vírus*. CONAFER Brasil. Retrieved 10 04, 2020, from <https://conafef.org.br/2020/07/20/sabedoria-indigena-mais-uma-vez-e-silenciada-por-um-virus/>
- TV Globo. (2020, 08 23). *Projetos explicam pandemia a indígenas em idiomas nativos*. G1 Tocantins - TV Anhanguera. Retrieved 10 04, 2020, from <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2020/08/23/projetos-explicam-pandemia-a-indigenas-em-idiomas-nativos.ghtml>
- Xerente, E. S. C., & Andrade, K. d. S. (2017). A EDUCAÇÃO INTERCULTURAL NA ESCOLA WAKÔMEKWA: PERSPECTIVAS E DESAFIOS. Palmas (TO): *Revista Humanidades & Inovação*, 4(3), 261-275. Retrieved 10 03, 2020, from <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/354>
- Xerente, R. S., & Xerente, S. L. G. S. (2017). O CONTEXTO SOCIAL E AÇÕES PEDAGÓGICAS NAS ES-COLAS INDÍGENAS AKWĒ. *Articulando E Construindo Saberes*, 2(1), 326-362. <https://doi.org/10.5216/racs.v2i1.49022>
- Xerente, S. L. G. d. S. (2018). A LÍNGUA AKWĒ E A LÍNGUA PORTUGUESA EM CONTATO: AME-

AÇA OU ENRIQUECIMENTO LINGUÍSTICO?  
*Goiânia: Articul. constr. saber.*, 3(1), 378-419.  
Retrieved 10 04, 2020, from <https://repositorio.bc>.

[ufg.br/bitstream/ri/17584/5/Artigo%20-%20S%C3%ADlvia%20Let%C3%ADcia%20Gomes%20da%20Silva%20Xerente%20-%20202018.pdf](https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/17584/5/Artigo%20-%20S%C3%ADlvia%20Let%C3%ADcia%20Gomes%20da%20Silva%20Xerente%20-%20202018.pdf)